



CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO

CINEMA PARA CEGOS
LENICE MENDES DE CARVALHO SILVA

SÃO PAULO/ 2011

Artigo de Iniciação Científica orientado pelo professor Dr. Ronaldo Mathias

RESUMO

Serão abordadas questões relacionadas à vida diária dos cegos e como se dá o entendimento deles ao “assistirem” um projeto audiovisual, para isso será esclarecido de forma breve e direta as percepções dos estímulos audiovisuais (som, imagem). Por fim, será apresentada uma ferramenta tecnológica muito fácil de entendimento, mas que necessita de investimento, esclarecimento e estímulo para que seja inserida aos projetos de comunicação social.

Palavras-chave: Cinema. Deficiência Visual. Audiodescrição. Inclusão

ABSTRAT

This study aims to identify concepts, skills and limitations intrinsic to the visually impaired, to see how they understand the impulses transmitted by the audiovisualmedia cinema. Also, it proposes to guide professionals in the field of social communication, the best way to discover the construction and use of audio and visual tools, allowing their work to collaborate on the inclusion of the project of the social life.

Keywords: Cinema. Visual Impairment. Audio Description For. Inclusion

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	06
2. METODOLOGIA	07
3. OBJETIVO	08
4. CAPÍTULO 1 – Deficiência Visual	09
5. CAPÍTULO 2 – Linguagem cinematográfica	16
6. CAPÍTULO 3 – Audiodescrição, a tecnologia que inclui	20
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	22
8. BIBLIOGRAFIA	23

INTRODUÇÃO

O estudo a seguir, procura, de forma direta e concisa, entender as implicações causadas pela cegueira na vida do ser humano, a percepção da linguagem cinematográfica, posto que utilizam-se da exibição de artigos sonoros visuais passadas pela mídia cinema e apresentar uma ferramenta tecnológica que auxilia o processo de entendimento e compreensão das mensagens.

Inicialmente, há um panorama dos conceitos pertinentes à área de estudo e a particularidade da cegueira posto às fases da vida humana.

Já no segundo capítulo, são abordadas sensações geradas pelo cinema atreladas às limitações dos cegos.

O fechamento se dá com a apresentação de uma ferramenta, um tanto inovadora, no caso brasileiro, que se coloca como a mais ajustada para a resposta ao problema levantado nesta pesquisa.

O objetivo é a disseminação de uma tecnologia que possibilita um atendimento pleno aos deficientes visuais no momento em que assistem obras audiovisuais e propagandas.

Para que este paradoxo de “não ver e assistir” seja superado, é necessário despertar a sensibilidade e atenção dos profissionais e empresários relacionados à área de comunicação com intenção de investirem neste nicho.

METODOLOGIA

A coleta de dados para o desenvolvimento deste estudo foi feita por meio de leitura de bibliografia pertinente ao tema e visita a instituição de assistência ao deficiente visual.

OBJETIVOS

Este estudo tem como objetivo identificar conceitos, limitações e aptidões intrínsecas aos deficientes visuais, para perceber de que forma compreendem os impulsos audiovisuais transmitidos pela mídia cinema. Também se propõe a orientar profissionais do ramo de comunicação social, a descobrir a melhor forma de construção e emprego de ferramentas sonoras e visuais, possibilitando que seus trabalhos possam colaborar na inclusão dos cegos na vida social.

Capítulo 1 – Deficiência Visual

Trabalhando conceitos e peculiaridades.

Os profissionais de comunicação, cada vez mais, fazem uso de recursos interativos e sofisticados para transmitir suas mensagens. A preocupação com a estética visual e mensagens que chamam a atenção dos consumidores, tem sofrido muitas transformações e adaptações. Contudo, como pensar em recursos visuais para comunicar-se com os cegos? E no cinema, podemos excluir tais pessoas de usufruir este tipo de entretenimento? Há necessidade de conhecermos algumas sensações e características das pessoas que possuem esta deficiência, a cegueira, para que, por meio da publicidade e entretenimento, possamos participar do processo de inclusão dos mesmos. Marta Gil (2000: 79), em seu livro “Deficiência Visual” - fala sobre deficiência visual e suas implicações nas fases da vida de quem a possui.

A deficiência visual abrange desde cegueira até a visão subnormal (ou baixa visão), sendo a primeira, cegueira total, e a segunda: “redução importante do campo visual e da sensibilidade aos contrastes e limitações de outras capacidades”. Segundo relatado por Oliver Sacks (2002, p.) no seu livro “Um antropólogo em Marte” - Virgil, seu paciente que teve densas cataratas e foi diagnosticado como portador de retinite pigmentosa, uma doença hereditária que consome as retinas paulatinamente, podia ver luzes e sombras, e as sombras das mãos que se moviam diante de seus olhos, portanto era evidente que não havia a perda total da retina.

A pessoa com deficiência passa a ter alterações nas habilidades motoras e visuais, assim como as emocionais, por isso, é indispensável para um desenvolvimento eficaz o apoio dos familiares, amigos, sociedade e a inserção da pessoa nos programas de “Atividade da Vida Diária” (AVD). O programa ajuda a pessoa a ingressar numa vida autônoma.

Gil, explica o conceito de deficiência visual. Esclarece que o termo “deficiente” possui uma abordagem negativa, pois, pode levar ao pensamento de que a pessoa deficiente não é capaz, por isso, é preguiçosa, incompetente e sem inteligência, focando na limitação do indivíduo. O termo correto é “pessoa com deficiência visual”, a qual se refere, primeiramente, a uma pessoa/ser humano, em seguida, que esta pessoa possui uma característica peculiar, uma deficiência. Ela ainda aborda as questões da deficiência no começo da vida, idade entre 0 a 3 anos. Esta é a fase em

que o bebê desenvolve todos seus sentidos. O bebê deficiente visual sofre limitações para aprender sobre o mundo, que primeiramente é desconhecido. Ele depende de outras pessoas, por isso, é importante que a pessoa que irá auxiliá-lo, perceba as necessidades básicas para que, no momento oportuno, o estimule a reconhecer o mundo a sua volta. Caso este bebê não receba o devido estímulo, tende a ficar muito tempo deitado quieto e isto prejudica o fortalecimento dos músculos corretos, atrapalhando o futuro do bebê.

Os principais meios de estímulos em todas as fases da vida, são através da linguagem e do tato (principalmente as mãos), o ato de pegar, faz com que a pessoa deficiente “veja o objeto”. O tato torna possível a visão. Estes estímulos fornecidos às crianças na sua primeira fase da vida, já ganhou atenção da Secretaria da Educação Especial, em 1995, com o termo “Estimulação Precoce”. O desenvolvimento para crianças nesta idade deve ser de maneira gostosa, com brincadeiras, sons diversos para instigar o interesse e facilitar o aprendizado. O envolvimento afetivo é de grande importância para a construção do conhecimento.

Em seguida Gil, escreve sobre a educação na fase pré-escolar, de 4 a 6 anos. Nesta fase, a criança aprende por meio das vivências corporais no espaço e no tempo. A criança começa a relacionar-se com amiguinhos e conhece as brincadeiras, por isso, o ensino deve ser de maneira lúdica e recreativa. Brincadeiras e jogos ajudam a criança a desenvolver seus pensamentos, idéias, raciocínio, fazendo-a exprimir com mais clareza suas emoções. É uma fase de autoconhecimento. Para a criança deficiente visual não é diferente, esta fase é de extrema importância, visto que auxilia o desenvolvimento positivo de sua imagem para com a sociedade, desenvolve o intelecto, emocional e a parte motora. A participação da família, professores, escola e alunos, colaboram para o desenvolvimento sadio da criança portadora de deficiência, pois suas atividades são restritas. Em função da diferença de desenvolvimento da criança com deficiência para a pessoa “vidente”, há certa defasagem de aprendizado, por isso, se faz necessário professores capacitados e pacientes a ensinar, caso contrário, só facilitará a exclusão desta criança.

Para crianças no ensino fundamental, idade de 7 a 11 anos, a autora aborda o conhecimento, principalmente, por meio dos estudos. A leitura e escrita são ferramentas para que os horizontes se abram na próxima fase. Para crianças deficientes com baixa visão, a leitura é feita com textos em letras gigantes, também

é preciso o melhor posicionamento em sala, para não prejudicar o aprendizado. Porém, há um trabalho árduo neste processo, pois no caso de cegueira total, a criança tem contato com uma forma diferente de linguagem: o Braille, inventado por Louis Braille em 1825. Marta Gil (2000, p.43)

“O sistema Braille, inscrito em relevo, é explorado por meio do tato. Cada “cela” é formada por um conjunto de seis pontos, permitindo 63 diferentes combinações para obter todos os sinais necessários à escrita: letras do alfabeto, sinais de pontuação, maiúsculas e minúsculas, símbolos de matemática, física, química e notação musical. Os seis pontos são dispostos em duas colunas, com três pontos em cada uma, formando um retângulo, ou “cela” de 6 milímetros de altura por 2 de largura. Para facilitar sua identificação, os pontos são enumerados”.

A primeira imprensa em Braille foi implantada no Brasil pela professora Dorina Nowill que foi responsável pela criação da Secretaria da Educação de São Paulo do Departamento de Educação Especial para Cegos. Nascida no ano de 1919, na cidade de São Paulo e falecida recentemente, no ano de 2010, Dorina ficou cega aos 17 anos, perseverante, continuou seus estudos e em 1946 junto a um grupo de amigas fundou a Fundação para o livro do Cego no Brasil que mais tarde, 1991, recebera seu nome, dado o reconhecimento do seu trabalho. Dorina dedicou sua vida em prol do desenvolvimento e inclusão dos cegos.

O sistema Braille exige boas habilidades motoras e sensibilidade nos dedos. Sacks (2002) informa que é comprovado, que os cegos que lêem em braile o dedo tem uma representação excepcionalmente grande nas partes táteis do córtex cerebral. As partes táteis e auditivas do córtex dos cegos são alargadas, podendo expandir para o que normalmente é o córtex visual.

Na sala de aula é preciso acompanhamento do professor, pois, conforme o tempo os dedos usados para a leitura vão perdendo a sensibilidade então, é preciso uma pausa para recuperá-la. O uso constante do dedo para a leitura leva a uma “hipertrofia da representação desse dedo no córtex” segundo Sacks (2002). Gil (2000) escreve que “pesquisas comprovam que a leitura tátil é três vezes mais fatigante que a leitura visual”. Além da temperatura fria que prejudica o tato.

Já existem softwares que fazem leituras dos escritos na tela do computador. No Brasil, para cálculos matemáticos foi adaptado o Sorobã ou Ábaco que já é

adotado em todo o país. Apesar do grande avanço tecnológico que possibilita o desenvolvimento da pessoa com deficiência visual, o suporte pedagógico ainda é precário e a falta de materiais impressos é imensa. Assim sendo, a comunidade, a escola, os professores e os alunos precisam estar preparados para a integração de modo positivo da criança com deficiência visual.

Na adolescência, o foco de aprendizado e conhecimento é na escolha da profissão e da sexualidade, como descreve Gil (2000) no 5º (quinto) capítulo. Para o adolescente com deficiência visual esta fase pode ser frustrante por vários motivos, por exemplo: a aparência é extremamente importante, através do convívio assimila os padrões estéticos logo, como não sabe como é ou como está a própria aparência, cria às vezes um quadro de depressão. Segundo alguns psicólogos, é nessa fase que surge a raiva da própria deficiência, além de prejudicar a atração física, pois a aparência é o primeiro requisito para o envolvimento afetivo e sexual. O jovem continua seus estudos, caminha para um futuro profissional e nível superior. Dependendo de como foi seu aprendizado anterior, pode acelerar ou atrasar o progresso. O período contraditório, confuso e delicado, pode ser superado com o apoio e paciência da família, amigos e sociedade. Por outro lado, a vida adulta envolve responsabilidade, casamento, sustento da família, compromissos quanto cidadão. Se a cegueira é adquirida nesta fase da vida, pode soar como um golpe, causando danos emocionais. Sacks (2002) descreve sobre seu paciente Sr. I, o qual possui daltonismo total (acromatopsia cerebral), causado por lesão no cérebro, que nas primeiras semanas com a doença, passou por uma depressão quase suicida porém, se recuperou voltou a pintar quadros e nesta mudança, Sr. I começou a reconstruir sua identidade, sensibilidade, reeducando seus olhos e mãos, pois a pessoa que perde visão, seja total ou porcentagem, tende a perder depois de alguns meses, as memórias visuais, precisando ser reeducada. Em alguns casos de perda de visão, pelo menos nos primeiros meses ou anos, além da memória visual, a pessoa pode ter alucinações visuais ou de “fantasmas”. Casos foram registrados na cegueira retiniana comum. Sacks (2002), numa análise sobre os conhecimentos de Diderot, o qual, relata sobre o caso de Nicolas Saunderson, um célebre cego que dava conferências sobre óptica, diz que uma “pessoa cega muito inteligente” tem a plena capacidade de adquirir um conhecimento teórico e um conceito do espaço, ainda que nunca tivesse tido qualquer percepção visual direta dele.

A integração no “Programa de Reabilitação” ajuda na recuperação, com orientação e mobilidade; desenvolvimento de habilidades manuais; aprendizado do sistema Braille e Atividades da Vida Diária (AVD). A recuperação se dá aos poucos, onde a pessoa precisa analisar algo de forma tátil, no caso de objetos, repetidas vezes, pois não há uma conexão entre o mundo tátil e o da visão, segundo relato de Sacks (2002), num comentário sobre o livro “A new theory of vision” (George Berkeley, 1709). Assim como uma pessoa que não possui deficiência visual, a pessoa cega precisa construir seu mundo através da experiência. Sacks (2002, p. 129) “Quando abrimos nossos olhos todas as manhãs, damos de cara com um mundo que passamos a vida aprendendo a ver. O mundo não é nos dado [...]”.

Ainda continua Sacks (2002, p. 132): “[...] A percepção está sempre ligada ao comportamento e ao movimento, à busca e à exploração do mundo[...]”

A respeito do aprendizado sobre tamanho e distância o relato é incomum: Sacks (2002, p. 134)

“[...] A sensação em si não tem “marcadores” para tamanho e distância, que precisam ser aprendidos com base na experiência. Assim, tem sido relatado que pessoas que viveram a vida inteira em densas florestas tropicais, com um horizonte de não mais que alguns metros à frente, quando colocadas em paisagens amplas e vazias podem chegar a esticar os braços e tentar tocar as montanhas com as mãos; não fazem ideia da distância das montanhas[...]”.

Sacks descreve uma observação a respeito da dificuldade da percepção em pessoas cegas, segundo o oftalmologista, Alberto Valvo – em *Sight restoration after long-term blindness*, (1971): “A dificuldade real aqui é que a percepção simultânea de objetos não é algo habitual para aqueles acostumados a uma percepção seqüencial através do tato”. Sacks (2002) interpreta dizendo que os cegos constroem seus mundos a partir de sequencias de impressões (táteis, auditiva, olfativas) e não são capazes de obter uma percepção visual simultânea, como pessoas com visão. O espaço é incompreensível obtendo a percepção apenas do tempo, sua percepção é fragmentada. O espaço é reduzido ao seu próprio corpo, a posição é conhecida não pelos objetos que passaram por ele, mas pelo tempo em movimento. As pessoas só estão no espaço do cego se elas falam. As pessoas se

movimentam e são atemporais, pois aparecem e desaparece. O movimento, assim como a cor, não possuem analogia no mundo tátil, são inatos.

Os cegos podem construir sua própria “identidade cega”, este mundo pode ser completo e contínuo, muitas vezes o desejo de cura é de quem convive com eles, não deles. Sentem o mundo e o reconstroem com suas próprias sensibilidades, coerência e sentimentos, de maneira cabal. Os demais sentidos são, normalmente, mais aguçados. O mesmo podemos dizer com relação a surdez, que compreende o aumento das capacidades visuais, os quais até possuem própria linguagem visual-gestual e cultura. Não quer dizer, por exemplo, que um cego será um bom músico; quer dizer que se ele estudar música terá maior sensibilidade no aprendizado do que pessoas que os videntes. Devemos considerar que casos prodígios acontecem com quem tem deficiência e com quem não tem; com quem tem uma patologia e com quem não tem. Casos prodigiosos passam por uma abordagem diferente, envolvem questões de genética entre outros campos de estudo. Contudo é fato que os demais sentidos ficam melhor refinados. A respeito da sensibilidade dos outros sentidos, Sacks escreve sobre o caso de seu paciente Virgil, o qual fora cego e recobrou a visão. Sacks (2002, p. 146)

“Estávamos impressionados pela qualidade da audição de Virgil, sua atenção, agudeza e orientação auditivas, o quanto Era proeficiente com a escuta. Tal agudeza e alta sensibilidade auditiva ocorrem em muitos cegos, mas sobretudo nos cegos de nascença ou de infância; parecem acompanhar a constante concentração da atenção, afetos e capacidades cognitivas nessas esferas e, com isso, um hiperdesenvolvimento dos sistemas auditivo-cognitivos do cérebro”.

A respeito da retomada da sensibilidade e imaginação, Sacks escreve sobre um escrito no conto de H. G. Wells, *The country of the blind* (1904, p. 56):

Por catorze gerações essas pessoas estiveram cegas e separadas de todo o mundo visível; os nomes de todas as coisas da visão caíram em desuso e mudaram. [...] Muito da imaginação deles secou com seus olhos, eles criaram novas imaginações com seus ouvidos e dedos cada vez mais sensíveis.

Ao contrário do que se pensa, a pessoa com deficiência visual pode exercer muitos cargos, com o apoio de equipamentos tecnológicos que cada vez mais estão aperfeiçoados. O tema deficiência em geral tem ganhado destaque nos últimos anos. A maior conquista de uma pessoa com deficiência visual é alcançar a autonomia, visto que, por toda a sua vida dependeu de outras pessoas para exercer suas habilidades. Existem diversas instituições que promovem a acessibilidade e autonomia para os portadores de deficiências visuais como a Instituição Dorina Nowill; ABEDEV – Associação Brasileira de Educadores de Deficientes Visuais; CADEVI – Centro de Apoio ao Deficiente Visual | Secretaria de Estado da Educação de São Paulo; LARAMARA - Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual, entre outros.

Uma ferramenta que tem ganhado destaque nesses últimos anos no Brasil é a tecnologia da “Audiodescrição”. Com iniciativa da Associação de Reabilitação e pesquisa Fonoaudiológica (ARPEF), o cinema recebeu esta ferramenta preciosa que possibilita a pessoa com deficiência não apenas ouvir o áudio dos filmes, mas ouvir as cenas audiodescritas, situando o ambiente e personagens. A iniciativa visa exibir filmes legendados e audiodescritos para a inclusão de pessoas com deficiência visual e auditiva. Conheceremos mais sobre o assunto na terceira parte, após abordarmos no próximo capítulo as questões sobre sensações de uma pessoa deficiente com ênfase em cinema.

Capítulo 2 - Linguagem cinematográfica

Uma breve história do cinema é relatada no livro de Rodriguez (2006, 344) “A dimensão sonora”. Segundo ele, o cinema apareceu por volta de 1845, com projeção de imagens em sequência, as quais resultam em sensação de movimento das formas representadas. Desde seu primórdio, apresenta interesses em divertimentos populares, tais como circos, parques de diversões, gabinetes de curiosidades, espetáculo de variedades. Os filmes se davam pela evolução das projeções coloridas feitas através do foco de luz gerado pela chama de querosene em que os apresentadores projetavam as imagens e acompanhavam com vozes, efeitos sonoros e músicas. Contudo, no final do século XIX, inventores mostraram resultados de pesquisas na busca de projeção de imagens em movimentos, aperfeiçoando técnicas fotográficas, a invenção da celulóide (o primeiro suporte fotográfico flexível, que permitia a passagem por câmeras e projetores). Rodriguez (2006) em sua obra “A dimensão sonora” diz que os filmes são basicamente o uso e estudo das técnicas de fotografia e aparatos de projeção.

Entre 1893 e 1895 Thomas A. Edison registrou (nos EUA) a patente de seu quinetoscópio e Louis e Auguste Lumière realizaram demonstração pública e paga, de seu cinematógrafo. Sendo que dois meses antes desta apresentação os irmãos Max e Emil Skladanowsky fizeram uma exibição de 15 minutos do bioscópio, num grande teatro de Valdevile em Berlim, a sessão também foi pública e paga, porém August e Lumière foram quem ficaram famosos.

Rodriguez (2006) ainda relata que os primeiros filmes mostravam suas próprias habilidades, coisas em movimentos, como bailarinas no ato da dança, também grupos de trabalhadores saindo da fábrica.

Apesar dos enormes esforços nos primeiros 20 anos de aparecimento, o cinema encontrava-se num estágio primário da linguagem, se transformando em arte apenas quando encontra os princípios específicos de sua linguagem, a “Linguagem Cinematográfica”.

Em 1907 começam a construir narrativas especificamente cinematográficas, com enredos auto-explicativos, os filmes de perseguição foram os primeiros a demonstrar esse conceito. Há a busca de definição física e psicológica dos personagens para que pudessem transmitir ao espectador as intenções e motivações dos personagens e regulamentação e racionalização da indústria com o

objetivo de atrair a classe média e obter uma respeitabilidade, o que não foi motivo para que a classe baixa parasse de assistir, pois, continuavam assistindo filmes nos cinemas mais baratos. No ano de 1909 a indústria do cinema procurou consolidar suas bases econômicas, aumentando o valor do ingresso e aluguéis dos filmes, na tentativa de atrair todas as classes sociais, relatava em suas propagandas a argumentação de que seus filmes era “divertimentos morais, educativos e sãos”.

Este breve panorama histórico sobre o cinema demonstra a ciência que o cinema ou filme trabalhou, no início essencialmente com o objetivo de representação do fenômeno “movimento” e apenas por volta de 1920 começou-se a explorar um sentido nos filmes. Contudo, sintoniza uma experiência artística, sendo considerado a 7ª arte. Mais voltado para a “expressão”, (Angelo Moscardiello, 1985) o cinema possui linguagem peculiar, sendo expressa por meio de suas técnicas de produção, trabalhando essencialmente com os sentidos da visão e audição, por isso, os recursos são amplos, podendo ser explorados com propriedade e criatividade.

Um dos grandes desafios dentro desta questão é expressar o que é abstrato. A tecnologia, informação e conhecimento são aliados para a construção de valores nesta forma de entretenimento. Rodriguez (2006) comenta que o expectador precisa entender a conotação usada pelo cinema, pois, o importante não é, em suma, ver as coisas fielmente, mas ter a ideia dessas coisas. Muitas vezes as imagens têm sentidos contrários e ambíguos. Na movimentação de câmera, podemos perceber diversas conotações, como: de que alguém está correndo; observando; espiando, embriagado... A montagem das cenas tem a função dar um sentido de continuidade, mesmo quando a proposta é de desconstruir a linha fictícia de tempo, podendo também mostrar duas cenas, repetir, voltar à outro ambiente, transportar os personagens para outro contexto de época, mostrar alguma cena para dar um sentido numa terceira e muito mais. Dentro deste pensamento temos a passagem das imagens, feitas por corte ou retirar a primeira ao mesmo tempo que a segunda vai aparecendo, produzindo sensações de passagem de tempo, calma, agitação etc. Logo, a cor, o enquadramento, o movimento de câmera, os cortes, a sequência, montagem, colaboram para a construção de sentido na cena. O sentido visual é explorado de maneira tal que produz uma unicidade e identidade, evidenciando o tom/clima de cada filme.

Sendo o sentido visual, no cinema, demasiadamente explorado, como uma pessoa cega pode assistir, entender ou mesmo expressar emoções ao “ver” um

filme? Ela deixa de receber toda a informação visual que ajuda a dar o sentido para o filme. Sua concepção do enredo pode ser reduzido, incompleto, até mesmo errado. Considerando que o cinema utiliza-se dos dois sentidos: visão e audição, a pessoa cega se apoiará apenas no segundo sentido. Apesar de não ser percebido por muitas pessoas, o som emite ondas através do ar, podendo ser sentidas. Por isso, pode-se dizer que o tato é outro sentido explorado no expectador, principalmente por pessoas que possuem o sentido mais sensível.

Segundo Rodriguez (2006, p. 27) - o cinema utiliza-se da ferramenta audiovisual para transmitir sua mensagem. Para ele a ferramenta audiovisual é Rodriguez (2006, p. 27) “[...] entendida como os modos artificiais de organizações da imagem e do som que utilizamos para transmitir ideias ou sensações, ajustando-nos à capacidade do ser humano para apercebê-las e compreendê-las”. Essa linguagem pretende estimular sensações através de estímulos físicos por meio da imagem e do som, considerando o conhecimento empírico dessas sensações por parte do receptor. Neste caso, quanto mais complexa é a mensagem, mais difícil de ser decifrada e quando não há a referência das imagens na mensagem a interpretação torna-se mais deficiente.

Neste momento é pertinente conhecermos um conceito chamado “acusmatização” Aquilo que é ouvido sem que se haja a fonte de onde provém, segundo Rodriguez (2006). Com a intenção de tornar suas aulas mais proveitosa, Pitágoras utilizou-se deste recurso para com seus alunos, quando fez com que ouvissem as aulas atrás da cortina, pois percebeu que prestavam mais atenção em sua aparência e gesticulação do que no conteúdo da aula. Ao ouvir um som, o sistema cognitivo busca a referência, os signos que compõem a imagem mentalizada. Ao passo que o indivíduo com deficiência visual recebe um som, o interpreta mentalmente e para tanto é fundamental que a imagem pensada tenha relação direta com a situação originadora do som, para não fugir da mensagem projetada pelo emissor.

O áudio utiliza-se de uma faculdade intrínseca para sua compreensão, a imaginação. A imaginação é, em parte, subjetiva, pois carrega as referências pessoais para concebê-la, porém há certo padrão de percepção dados os estímulos sonoros serem uma tentativa de aproximação do real, por exemplo, quando ouve-se alguém chorando, produz-se um sentimento de preocupação, pois, logo procurara-se saber o porquê este alguém chora e caso esteja no alcance a solução, assim o

faz. Ou ouve-se o latido incessante e forte de um cachorro, instantaneamente percebe-se que há uma situação de perigo, tendemos a nos afastar da fonte geradora do som. Uma música romântica nos tranquiliza e faz com que lembremos de situações românticas, pessoas queridas, sonhos belos etc. Quando numa conversa o outro fala sussurrando, entende-se que o que está sendo falado é sigiloso ou segredo, imediatamente redobramos a atenção, após ouvirmos guardamos o segredo (ou não). Concluimos que o estímulo auditivo produz uma interpretação homogênea, desconsiderando os fatores psicológicos de influência, neste caso, a mesma música romântica causa medo a um indivíduo que fora assaltado quando ouvia a mesma melodia pelo rádio.

Portanto, não podemos afirmar que o sentido da visão é mais importante do que da audição ou vice-versa, o que ocorre é que quando combinados produz maior eficiência nas interpretações aos estímulos audiovisuais. Todavia, o cinema sem imagem, como já explicado, dificulta a compreensão da mensagem. Dificulta, mas não impossibilita.

Voltando a nossa questão central, como será então a melhor forma de os meios cinematográficos comunicarem com o público composto por pessoas cegas? Ou como substituir a imagem, posto que conforme estudamos, é de extrema importância para a adequada compreensão da mensagem? Ou ainda, os cegos podem assistir filmes e compreendê-los na sua totalidade? As perguntas levantadas aqui dão abertura para a apresentação do que chamo de uma das soluções para este problema. Conheçamos enfim, a ferramenta “Audiodescrição”.

Capítulo 3 – Audiodescrição, a tecnologia que inclui

Desde 2006, todas as pessoas portadora deficiência garantiram o direito de acessibilidade na programação veiculada nos serviços de radiodifusão de sons e imagens e de retransmissão de televisão. Entendemos por acessibilidade “a condição para utilização, com segurança e autonomia, dos serviços, dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa com deficiência auditiva, visual ou intelectual.” (PORTARIA Nº 310, DE 27 DE JUNHO DE 2006).

Posto a preocupação e lei de acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência visual, julgo o recurso de audiodescrição ser a ferramenta que melhor possibilita, por enquanto, o acesso de pessoas com deficiência visual, intelectual e dislexia em produções audiovisuais.

Portanto, em que consiste a audiodescrição?

A audiodescrição corresponde a uma descrição que fica á cima do áudio original do vídeo, que tem como função descrever os elementos visuais e linguísticos (imagem, som, texto e demais informações que não poderiam ser percebidos por pessoas portadoras de deficiência visual) adicionado a um segundo canal de áudio, a fim de produzir melhor compreensão do filme. A ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas disponibiliza todas as obrigatoriedades da lei de acessibilidade com a finalidade de padronização e penalidade para os órgãos descumpridores da lei (ABNT NBR 15290).

É certo que a audiodescrição já é feita, de maneira informal, em alguns locais de circulação de pessoas cegas, ex. casas, cinemas, conferencias etc. geralmente uma pessoa vidente descreve o que está vendo, contudo não há uma padronização ou até mesmo reprodução do trabalho.

Em 1975, ocorreu a primeira aparição da audiodescrição foi, na tese de pós-graduação “Master of Arts”, apresentada na Universidade de São Francisco pelo norte-americano Gregory Frazier. Aparecendo, posteriormente como experimentos, em teatros, museus e cinemas dos Estados Unidos durante a década de 80. Em 1989 a audiodescrição foi realizada em alguns filmes do Festival de Cannes. A técnica estendeu-se para a Europa. Em 1992, surgiu o Projeto Audetel, uma iniciativa britânica coordenada pelo Royal National Institute for the Blind, que se dedica a investigar os requisitos técnicos necessários para a incorporação da audiodescrição nas emissoras de televisão. Em 1991, na Espanha, foi desenvolvido

o sistema *Sonocine*, que permitiu que as pessoas com deficiência visual seguissem a audiodescrição dos filmes exibidos na televisão através de um canal de rádio especialmente habilitado. Os canais TVE e La 2 colocaram em prática essa experiência por algum tempo. Hoje, somente o Canal Sur ainda utiliza este sistema.

A Fundação ONCE (Organização Nacional de Cegos Espanhóis) uma organização espanhola, em 1993, para a cooperação e integração social de pessoas com deficiência, começou um programa de investigação e pesquisa em audiodescrição, que culminou com a publicação da norma UNE 153020, intitulada: “Audiodescripción para personas con discapacidad visual. Requisitos para la audiodescripción y elaboración de audioguías”.

Pesquisa feita pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) estima que 24,6 milhões de pessoas, ou 14,5% da população total, apresentaram algum tipo de incapacidade ou deficiência. Entre 16,6 milhões de pessoas com algum grau de deficiência visual, quase 150 mil se declararam cegos. Em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=438&id_pagina=1> Acesso em: 04 Abril 2011.)

Portanto, percebemos a quantidade expressiva de pessoas cegas, as quais não deixam de ser consumidoras e cidadãos.

Em visita feita na Associação LARAMARA (Associação Brasileira de Assistência ao Deficiente Visual), participei, junto a alunos da associação o “Primeiro Festival de Filmes (Audiodescritos) da LARAMARA”. Dia 31/03 – 14:00 horas, no qual assisti o longa metragem “A CASA MONSTRO” (GIL KENAN, 2006) (Animação/Aventura). Logo após, ocorreu uma discussão com os cegos telespectadores, com o intuito de perceber qual foi a colaboração da audiodescrição para o entendimento do filme. Em unanimidade relataram a completa compreensão do filme, pois a partir de então, souberam o que ocorria na cena, quais os entendimentos que tiveram com a percepção das imagens. O resultado, deste modo, foi totalmente satisfatório quanto ao seu objetivo.

Considerações Finais

Há no mundo um apelo à promoção dos direitos humanos que busca a igualdade dos indivíduos respeitando as diferenças, equiparação de oportunidades, visando a implementação de toda a forma de estímulo, sistemas, equipamentos, instalações e tecnologias que facilitam a inclusão social, concernente as pessoas com deficiência.

É possível entender que o cego possui limitações superáveis no que diz respeito a sua deficiência, essas superações podem suceder de forma acelerada ou mais breve, dependendo do próprio indivíduo, da colaboração e respeito das pessoas que o cerca e presença de ferramentas que facilitem seu convívio no meio social. A audiodescrição apresenta-se como uma solução palpável de auxílio às pessoas com deficiência visual, intelectual e dislexia, a compreensão do conteúdo das mensagens audio visuais, sem o comprometimento da qualidade do conteúdo técnico investido na produção de um filme, além possibilitar um maior alcance de público e espaços para propagandas.

Bibliografia

SACKS, Oliver: Um Antropólogo em Marte. Editora, 2002.

GIL, Marta: Deficiência Visual. Editora, 2000.

RODRIGUEZ, Angel: A dimensão sonora. Editora, 2006.

BRASIL. Portaria nº 476. 2005.